

*E a mudança de luz diz-lhe qualquer coisa
sobre os pobres e o inverno.*

MARTIN AMIS
Outras Pessoas

*Deixa-me começar de novo.
Querida mãe [...]*

OCEAN VUONG,
Na Terra Somos brevemente Magníficos

ÍNDICE

Eu, Vladimir, e os Outros	13
Noor	107
Noor, antes	141
Os Outros e o Fim	151

Eu, Vladimir,
e os Outros

Isto foi antes de chegar aqui, sangue por todo o lado, e etc., e eu de arma na mão. Deixem-me dizer-vos como vim aqui parar. Volto ao princípio. Cortaram-me as pernas e tiraram-me o tapete de debaixo dos pés, por esta ordem. Levaram-me para a sala dos esquecidos e eu fui. Fiquei. Fecharam a porta à chave. Senti alguém a engolir a chave no escuro.

Tenho um crocodilo em casa. É um amigo. Cresceu comigo, é maior que eu.

O teto é baixo, à noite acendo uma lâmpada por cima da cabeça e pareço um santo. Olho-me ao espelho, por muito tempo. Uma lucidez próxima da raiva, mais calma, mais doida, uma multidão pequenina e feia chamada eu. Sinto-me mal, sou alguém a interromper um suicídio. Não se trata do meu suicídio, a vida custa a todos. Podia ser a morte da minha mãe. Ela ainda não morreu, anda muito triste. Triste pelo menos desde o que aconteceu ao meu pai.

Luminosa escuridão. Gosto quando, ainda na luz, já um pouco de escuridão.

Onde está o meu pai?

Esta pergunta agarra-me à infância. Prefiro ser filho a ser pai. Acontece aos melhores. Acontece aos órfãos e é para sempre. A minha transformação em gente tem sido lenta. Vivo amarrado a um poste, a cantar para sereias nuas. É fácil perceber como sofro.

O meu pai desapareceu, e uma coisa má aconteceu, lentamente. Mais ou menos por essa altura, Deus. Ainda não falei dele, está em toda a parte e fala comigo, não deixa de falar. Já ouvi cinco versões diferentes de *Knockin' on Heaven's Door*, mas não é a mesma coisa. A minha mãe gosta de rezar, não quer só chorar. As lágrimas a abafar as orações. Devia existir um Deus para as palavras e um Deus para as lágrimas. A mesma igreja, isso sim.

— Sou uma mulher a dar à luz.

— Não, mãe.

— Um bebé acabado de nascer. Parto natural.

Não se lembra de ser bebé, a minha mãe. Lê *cartoons* americanos para acompanhar as notícias do mundo. Não sei por que sorrio, deixo-vos decidir. Não sou personagem de romance. Novela, talvez, ajuízem vocês, ou seja, leiam. Vou contar-vos a verdade, a verdade é dolorosa, mais dolorosa para mim que para qualquer leitor. O velho prazer da leitura, aquela velha distância. Isto não é o diário de um adolescente. Sou um homem adulto. Se escrevo, escrevo para sair da adolescência. Ajuízem vocês.

Desabituei-me de gostarem de mim, especialmente as mulheres. Sempre gostei de mulheres, é como eu penso. O crocodilo, por exemplo, não gosta verdadeiramente de mim, é o que eu penso, o que eu sinto. O crocodilo é um estranho, não é bom depender da bondade dos crocodilos.

Naquele dia, a mulher disse-me que sim com a cabeça e depois:

— Não — disse não.

Uso do malmequer: sou, não sou, ser, não ser. Ninguém me quer mal, ninguém me quer bem, dispenso as flores. O romantismo é um sentimento terrível, dois furos acima da castidade. Os sentimentos são um lago onde as pessoas se molham até ao pescoço e eu estou do lado de fora porque não sei nadar. Estou sentado na margem, tenho os pés húmidos, enterrei-os na areia. A maior parte de nós é água, no resto somos enormes e firmes e belos.

Sinto todos os meus músculos. Gosto deles. Gosto dos meus músculos como gostava que uma mulher gostasse de mim. Silenciosamente. Dedicadamente. Gosto do meu corpo, falta qualquer coisa. Que parte do corpo me assusta mais? Não sei, não estou nu, não posso dizer. Os meus pés no chão não me assustam.

Os crocodilos são rápidos na água, tão rápidos como um homem em terra, a descer uma montanha de bicicleta. Em terra, cansam-se, os crocodilos. Debaixo de água, conseguem não respirar uma hora, às vezes mais.

Gosto de mulheres fortes, capazes de me abandonar sem pestanejar, gosto de mulheres que nem chegam a gostar de mim. As mulheres fortes que não me querem. Pestanas pretas, a pestanejar. Muito bonitas. Já desejei relações abstratas, mulheres, como as minhas, abstratas. Não me deixaram, as mulheres e os crocodilos não me deixaram. Aumentaram a sua solidez e natureza, o seu corpo, pele, pelos, escamas, dentes.

Um dia doarei a minha vida a uma mulher, mas não em sacrifício. Continuarei vivo, mais vivo ainda. Não deve ser difícil. Entretanto, as minhas melhores amigas são palavras no vazio, digo-as de vez em quando, ninguém as ouve.

*

Yelena conhece as partes do corpo do homem, cada parte é um destino, para ela os homens são coisas que estão escritas, não há segredos. Yelena diz «vou falar-vos do homem», e depois indica um fragmento do homem, como quem agarra um membro fácil para se salvar.

— Gosto de te ver de costas — diz-me.

— De costas, como?

— Quando não olhas para mim és mais bonito.

Gregori é um tipo de homem que gosta que as mulheres gostem dele pelo corpo. Às vezes, consegue. Orgulha-se disso.

Boris. O homem. Como se essa qualidade secasse as qualidades e todos os defeitos à sua volta. Um dia apanharam-no a dançar com o ego de fora. Um egoísta, um exibicionista. Boris.

*

Os crocodilos caçam de noite. São carnívoros, são caçadores astutos, uma visão e audição excelentes. São animais da emboscada, da espera. É impossível saber o que pensa um crocodilo, muitas vezes só pensa na espera, um crocodilo. Animais da espera. Comem fruta, mas preferem mamíferos, até pássaros, peixes.

Sou o dente morto de um crocodilo, sou comida seca, enterrada na escuridão da mandíbula de um animal à espera. Procuro no espelho o que não é mãe, é pai. O crocodilo espreita, atrás de mim. O seu sorriso desaparecido, aquele meio-sorriso luminoso, a dentadura e tudo.

*

Goran orgulha-se de ter sido virgem, ele e a mulher, mas não tem uma obsessão pelo passado.

— Sobre a virgindade, não tens nada a dizer? — perguntam-lhe.

— Não sei, não é a minha realidade

Mircea, o jovem, aos berros no dia a seguir a uma descoberta sexual. Invejo-o, sou incapaz de berrar por qualquer coisa

sexual. A língua seca, a garganta arranhada, as palavras esquecidas. Preparo-me para algo parecido com o pior possível.

Para mim o mundo está secretamente cheio de mulheres. Gosto de as olhar, as mulheres. De resto, pouca coisa, as mãos nos bolsos. Sobra-me em entusiasmo o que me falta em engenharia.

*

À minha volta, o aspeto do mundo diz-me que aqui se aprofundou uma maldade. A verdade é isto e dura há muito tempo. A antiga mina desativada, ninguém sabe se o minério acabou, as riquezas estão enterradas a profundidade desconhecida. A vida arrastou o melhor de nós para o fundo, como num enterro, devagar, sempre a descer, aquele instante depois de as flores caírem no túmulo.

Os homens desaprenderam de trabalhar. Saíram da mina para devolver a lancheira vazia à mãe e nada, escondem a vergonha à luz do dia. De longe parecem operários, de perto, só os mais velhos. Desenterrados, a paisagem dói-lhes nas costas e faz-lhes frio nos pés. Os mais velhos tentam exercício para esquecer. Falham, naturalmente.

Há pessoas à espera do futuro para gritar.

Pessoas paralisadas, a desaparecerem há anos. Trazem o fim do mundo agarrado à sola dos sapatos. Como poeira. Radioativa. A alma pendurada do bolso do casaco. É fácil acreditar

na vida depois da morte, é aqui, a vida depois da morte. O futuro está todo na sombra dos objetos que as fizeram felizes. São sempre os mesmos, os objetos, não foram a lugar nenhum. Promessas ao nosso eu futuro? As pessoas fazem juras ao passado. Não rir em público, por exemplo. É uma promessa antiga. Desconfiar dos amigos e dos inimigos. Somos o lugar de onde se afastaram os exércitos da alegria. Passou por aqui uma catástrofe cósmica e nós acordámos no dia seguinte com metade dos vizinhos desaparecidos ou enterrados em cal viva.

Uma pena abstrata pelo pó.

O passado é inevitável, envelhece connosco. O passado coxeia. O passado é um homem velho e o futuro uma mulher que não gosta de nós. Aqui ninguém faz de morto. Ressuscitados, todos, apenas com a roupa do corpo, estamos desiludidos com a ressurreição. O que farejamos não é bonito, procuramos a porta de entrada do fim do mundo.

A mina morreu: metade de nós quer ressuscitar a sua efervescência científica de má poesia. Este era um lugar bonito no tempo da indústria e da tortura. Eram empregos, percebem?, com empregos não se brinca. Quem nos roubou a mina roubou-nos tudo. Sobram os edificios fabris, altos e feios ao sol, foi o que ficou do materialismo histórico. Da tortura ninguém pode ter certezas, é uma história apócrifa, é um evangelho. Não era muito dinheiro, mas eram empregos, e agora vejam, é só olhar em volta.

— Não olhes para mim assim.

— Assim como, Yelena?

— Como um médico, como uma doença.

As pessoas sobreviviam aos campos apoiadas num poema, algumas estrofes. Sobreviveram assim aos milhões, só com poesia. Havia uma alcunha para os que chegavam com a cantiga da prosa, e não era bonita. Prosa é coisa pesada, matou milhões.

*

Lev. Duas orelhas tão diferentes como de pessoas diferentes, as duas orelhas esquerdas de dois inimigos. Se houvesse aqui mar, Lev ia ter medo de mergulhar e morrer sozinho. Felizmente não há mar. Um dia, Lev viu dois homens a dançar dentro de um aquário de vidro. Não se ouvia nada e Lev não compreendeu. Tentou ouvir a música, mas não ouviu e não compreendeu.

— Vou morrer, vou morrer, vou morrer.

— Não, Lev, não vais morrer.

— Mas eu quero morrer.

Eu sei que Lev quer morrer, mas gosto de ajudar. Nunca soube até que ponto as pessoas estão vivas e querem.

*

Maya, por exemplo. Maya não fala do marido, mas, quando lhe perguntam, diz que foi amor à primeira vista. Não foi sequer amor, nós sabemos que Maya sonha com dois homens.

— E como são esses homens, Maya?

— Não me batem — responde, sem hesitar. E, sempre, alguns segundos depois. — Não me batem e gostam de mim. Os dois ao mesmo tempo.

O pecado original, a primeira vez é tragédia, a segunda vez, farsa. Para Maya o pecado original é sempre farsa. Sorri e deixa de respirar, felizmente não por muito tempo. O pecado original é só para alguns, mas é para sempre.

*

Aqui, a igualdade é avassaladora. Como um frio, uma mãe má. Cada pessoa igual a nós é uma acusação, uma lembrança da fome e das rjezas do inverno. Todos somos pobres, multiplicámo-nos sem dar por isso. Tivemos tempo para nos desinteressarmos uns dos outros, já atraioámos familiares semelhantes aos nossos pais.

Ser pobre é um cargo de eleição. São representantes, são representativos, os pobres, são iguais a nós. Usam casacos cinzentos, sem botões. Os buracos sem botões imitam buracos de balas disparadas há muito tempo, numa guerra. Perdemos família nessa guerra, alvejados de costas, assassinados assim vestidos, casacos compridos sem botões. Se escavarmos o chão da floresta, ainda encontramos as balas e os botões.

Aviso aos naufragos e aos turistas: não se riam dos nativos. Turismo aqui não há. Já fomos uma cultura industrial. A indústria partiu e deixou-nos sozinhos, somos os últimos heróis da preguiça, resta-nos limpar os pés ao passado. O tempo

das fábricas do Estado e dos prémios de produtividade desapareceu e não volta mais. Agora é tudo não-ficção. É o que sobra das utopias, a poluição. Tanta não-ficção cansa. O *Zegeist*, aqui, já não muda muito.

Descobre-se o homem a quem falta mulher quando lhe falha um botão na camisa. A mim não me falta um botão. Tenho tido sorte com os botões.

*

Lyudmila desenha cartazes para o fim da história ou o fim do mundo. Guerra, holocausto, exílios, desaparecimentos. É uma exibicionista. Erupções, inundações. Combinação de dilúvios, frios, secas, fome e calores. Mostra os cartazes um a seguir ao outro, como o vídeo de uma festa de amigos ou um documentário sobre a esperança, na televisão. Também gosta da invisibilidade, Lyudmila, mostra o corpo e esconde a cabeça, como um rinoceronte atrás de uma árvore. O seu corpo magro e calado.

*

Andava eu pelos meus seis ou sete anos, jogava às escondidas com a minha mãe. O jogo chamava-se «Encontra o Papá». Como acontece bastante naquela idade, a casa estava cheia de esconderijos e surpresas. Cantos, paredes, silêncios. A única não-surpresa era como acabava o jogo: nunca encontrávamos o papá. Nunca. Depois, a minha mãe preparava-me um lanche reforçado e era como se o pai fosse enorme e tudo o que se via

dele era parte da pele ou de um pé. O seu tamanho era fantástico e irreconhecível. O papá não está, explicava-me a mamã, mas nessa altura, já sem fome, eu não a ouvia.

Pai, toda a minha infância desejei a tua morte, mas não a tua ausência. Queria-te, vivo ou morto.

O meu pai imaginário, a minha mãe uma heroína. Se fosse presidente, chamava-lhe presidenta. Imagino-a de capa e espada, de capa branca como as sufragistas. A palavra sufragista, gosto muito dela, lembra-me o tempo em que os homens e as mulheres acreditavam na democracia, mas as mulheres não votavam.

— É melhor esqueceres o teu pai. Não o vamos ver nunca mais. Esquece, está esquecido.

A minha mãe conta que comecei a caminhar para trás. Ela dava-me a mão e eu avançava de costas, sem sequer olhar. Não acredito. A minha mãe diz-me que foi precisa imensa paciência até eu me resignar a andar para a frente.

O meu pai a ensinar-me um jogo de tabuleiro. Talvez damas, talvez xadrez. Eu não conhecia as regras. Ele piscava os olhos quando eu quebrava uma regra do jogo. Levava sempre o jogo até ao fim. Ganhava sempre, o que não fazia era perder, vencida ele e perdia eu, gostava de vencer. Dizia-me ao ouvido: venci. Nunca cheguei a conhecer as regras. Damas, xadrez. Entretanto cresci, perdi a vontade de jogar e o meu pai desapareceu.

O meu pai, desapareceu.

Não ter pai, por aqui, é moda. É um presente do alcoolismo, da transição para o capitalismo. Não ter pai é um hábito, uma terapia de choque. As pessoas têm os pais enterrados, mortos, ou emigrados à procura de dias melhores. Só eu não sei nada do meu pai.

Nada sobre nada, camadas de nada. Apercebo-me do nada.

Vejo-me Pinóquio. O meu pai regressa e oferece-me uma vida nova enquanto boneco de madeira. Problema: quando minto, o meu nariz aumenta. E minto muito, ora se minto.

*

As mulheres possuem o segredo da velocidade e os homens esperam que o segredo lhes apareça à frente, evidente e nu como partilhar pão entre amigos. As velocidades dos filmes americanos provocam-me uma sensação de solidão. A futilidade das corridas de automóveis, vários homens às voltas num autódromo, a tentarem revelar os segredos das mulheres. E os acidentes.

Na vida é tudo amor ou falta de amor, na vida é tudo falta de amor. Falta amor na América, falta amor no coração dos homens e na cabeça das mulheres. O amor é um lugar onde queremos chegar antes de partir. Uma viagem, portanto. Conhecer a cor do que nos falta, mas não a forma. Metade da nossa personalidade é a falta ou o excesso de relações sexuais. Na maior parte das vezes, falta. É o meu ponto de vista. Já namorei uma tenda de campismo para duas pessoas na montra de uma loja.

Para quando existisse uma segunda pessoa, para quando eu quisesse fazer campismo.

As mulheres são uma verdade que desconheço, uma verdade importante. Com as mulheres, fui proibido de tocar as peças de xadrez antes de ter as certezas, antes de conhecer as regras. A minha melhor posição imaginária é sentado, com as pernas direitas e os pés assentes no chão, os joelhos a tocarem-se, as mãos no regaço, não sei onde, à espreita.

O mundo é governado por essências e eu perdi o olfato. O mundo extingue-se e eu caminho sozinho na extinção.

Talvez um dia eu seja um homem de cera.

*

A ideia de masculinidade exige um planeamento. Experiências sobre a ideia de homem. Alguém me falou de relações heterossexuais platónicas num campo de prisioneiros, nos meses do frio. Quantidades consideráveis de amor sem expressão concreta, por assim dizer. As pessoas inventam sempre uma coisa para se consolar. Pecados mortais num campo de prisioneiros, seis ou sete homens à mesa, à espera do pequeno-almoço preparado pela mamã. A gula e o resto.

*

É difícil imaginar até que ponto uma pessoa é uma coisa intensa, sozinha e triste. Desesperada. Invisível a si mesma,

mãos e olhos à espreita. Transparente e honesta. Numa palavra: cruel.

Encosto o indicador à cabeça e, lá dentro, penso numa arma apontada à minha cabeça. Disparo, não disparo? Vivo há anos com esta pistola. Sobrevivi a seiscentas tentativas de assassinio, sou um ditador sul-americano, um dos simpáticos, daqueles que têm problemas com os norte-americanos. A minha vida é a espera por um assassino. Estou preparado.

— Você é muito bonita. Posso tratar-te por tu?

— Não.

— Você é bem, bem bonita.

Aconteceu outra vez. Disparo?

*

Não sei o nome do meu pai. A minha mãe não me conta nada, eu deixei de perguntar. Mesmo o nada devia ter mínimos. Para me provocar, os colegas da escola atiram-me nomes de pais ao acaso, em voz alta, nomes impossíveis, às vezes estrangeiros. Uns dizem que se chama..., outros... A minha mãe fala do meu pai quando e como quer. Pode ter havido amor, pode ter havido violência. Do meu pai sobre a minha mãe, ou da minha mãe sobre o meu pai. Não me lembro de nem uma violência.

Os crocodilos bebés sabem guinchar e grunhir, os adultos rosnam, assobiam, e podem rugir. Das lágrimas já sabem, são falsas. Descobriu-se que os crocodilos reagem aos ruídos de motor,

ao som de uma arma de fogo, à presença de um ser humano que imita a fala dos crocodilos.

A minha mãe está há três anos a falar sozinha a tentar dizer o que pensa. Não é muito tempo.

Aquele dia em que perguntei o nome do meu pai e a minha mãe ficou três dias sem me falar. Gostei dela assim calada. Senti-me triste, senti-me culpado, mas gostei. Poupei as palavras para mais tarde, quando conseguisse falar sozinho.

*

O crocodilo é um animal que me sossega. A arrastar-se pela sala, os dentes dez centímetros acima da alcatifa. O meu apartamento é uma caverna escura, a paisagem não é feia, não há janelas. A porta é estreita, baixo a cabeça quando entro. Encosto o pescoço à ombreira da porta, aproveito o cheiro a madeira de uma guilhotina preguiçosa. Existe uma claraboia colada ao teto, muito estreita. Olho para o céu lá fora e não vejo sombras de nada de bom. Já falei disto: o teto é baixo e a luz, à noite, assemelha-me a um santo. O espaço é apertado, como roupa colada ao corpo, dá vontade de ir à casa de banho. E, no entanto, a escala de mim diminui a olhos vistos, dia após dia, os braços dedos, o coração um latido, os olhos, na prática desaparecidos. Esforço para me manter a certa distância de mim.

Ofereceram-me um crocodilo bebé quando eu era incapaz de cuidar de um ser vivo, e isso incluía a minha mãe. O crocodilo cresceu, verde, viçoso, resignado. Um dia, surpreendeu-me nu,

no meio da sala. Ficámos em silêncio, o crocodilo e eu. A nudez é uma maneira de perceber as dimensões reais de um compartimento.

As mulheres, não é que não gostem de mim, é que não gostam o suficiente. Falta-me vontade para entender os homens, não sei o que fazer deles. Pedra, papel ou tesoura? Não é tudo físico.

Os homens acompanhados vivem mais tempo. Qual é a minha esperança de vida? Enquanto há vida, há esperança de vida. Penso muito numa mulher, uma mulher a sério, por quem me apaixonar. Passo tanto tempo nisto que já não exijo demais do amor, uma mulher basta-me. Bela, carinhosa, inteligente, emancipada. Emancipada é, de todas, a palavra mais bonita. Gosto. Enfim, bonita e atenciosa também não era mau.

*

Ivan e Galina. Galina, imagino-a com uma barra de chocolate a derreter no bolso do casaco enquanto faz amor com um desconhecido. Desconhecido para mim. Chocolate negro, a 70 por cento, o casaco de Galina a sujar-se por dentro, como sangue escuro. O desconhecido, afinal, é Ivan, Ivan faz amor com Galina, mas Galina despiu o casaco antes de fazerem amor e o chocolate não derreteu. Os dois estão felizes, na minha imaginação.

Plano: tornar-me feio, tornar-me triste, publicar um anúncio no jornal. Jovem procura mulher fumadora para namorar. Convencê-la a deixar o tabaco, boca a boca, com a ajuda da língua. Visto de dentro seria mais bonito.

*

Não sei em que dia comecei a ver *A Ilha do Amor*. É um programa de televisão. É na Austrália. A ilha não é exatamente a Austrália, é uma ilha pequena ao largo da Austrália. Para nós, pensar numa ilha ao largo de outra ilha é magia. Tanto mar, tanto! Um pedaço de terra rodeado de água por todos os lados, ao pé de uma terra maior, também cercada por água.

Anúncio: o programa que se segue contém amor. Onze estranhos aterram numa ilha à procura do amor. São obrigados a viver juntos, numa vivenda luxuosa, afinal esta é a grande aventura das suas vidas. Deixem-nos dizer alguns nomes: nome da pessoa, nome da pessoa, nome da pessoa,... E agora isto. Nome da pessoa: Nunca ninguém cuspiu comida na minha boca. Nome da pessoa: Fico feliz por ser a primeira pessoa a fazê-lo. Anúncio: Cada novo hóspede é uma nova hipótese para o amor. Nome da pessoa: És tão bonita. Anúncio: Só as relações fortes sobrevivem. Nome da pessoa: Vou lembrar-me desta Ilha do Amor para o resto da vida. Anúncio: Só quatro casais sobreviverão. Anúncio: Cem mil dólares. Pergunta: América, quem é o teu casal favorito? Perdão, pergunta: Austrália, quem é o teu casal favorito? Anúncio: E os vencedores são, e os vencedores são? Nome da pessoa: Vocês acreditam que estamos mesmo aqui? Nome da pessoa: Eu não acredito. Nome da pessoa: Eu não. Nome da pessoa: Eu também não. Anúncio: Aqui ninguém acredita. Nome da pessoa: Isto é selvagem. Nome da pessoa: Eu quis vir e agora tenho o que mais queria, tenho-te a ti. Nome da pessoa: Eu não mudava nada, eu não mudava nada por nada deste mundo. Nome da pessoa: Eu sinto que já ganhei. Nome da pessoa: Que já ganhámos. Aplausos. Anúncio: E os vencedores são? Anúncio: As senhoras agora estão fora da casa. Nome da pessoa: Graças a Deus. Anúncio: Graças a Deus?

Televisão da realidade, o que é? Homens muscudos e mulheres bonitas numa casa, dedicados aos insultos, a apaixonarem-se. Também mulheres musculosas e homens bonitos, é televisão, há de tudo. Quando as pessoas se apaixonam, as imagens na televisão mostram-nos isso mesmo, e muitas vezes.

*

Aprender sobre o amor na televisão australiana. A Ilha do Amor. Não somos uma ilha e não andamos nus. A televisão fala da realidade mas antes temos de imaginar como as coisas são. O amor, para mim, é primeiro imaginação, e depois realidade. Para mim, amar uma mulher é ficção. Ficção e mentira são coisas diferentes, os pobres e os sozinhos precisam muito de ficção. Queria tocar-lhe o corpo e contar-lhe histórias simples. Não somos uma ilha e não andamos nus, por aqui a beleza é como o dinheiro, passamos privações. Cruzo-me com uma desconhecida, penso «belo corpo» e as palavras «belo corpo» afastam-se de mim, de mãos dadas com a mulher. No café, uma mulher treina o seu cão aos gritos: «Deita! Deita! Deita!», está à meia hora nisto. Quero ser aquele cão. Deitava-me logo, a mulher nem precisava de gritar para eu aprender a ladrar. Olhá-la de baixo, com os meus olhos de cão.

— Estás com cara de ter encontrado o amor. Tem cuidado — avisa-me Ivan.

— Não encontrei.

— Não te preocupes com o amor, ninguém escapa. Mais cedo ou mais tarde, ninguém escapa. — Penso em Galina e Ivan e na barra de chocolate negro a derreter.

A mãe e o crocodilo

Vladimir trabalha numa fábrica de reciclagem e partilha a sua vida com um crocodilo e uma longa história de esquecimento com a mãe, que se recusa a revelar o nome do pai desaparecido. Aprisionado numa geografia do desespero, num lugar ex-fascista, ex-comunista e ex-industrial, por esta ordem, Vladimir observa os hábitos do perigoso animal, enquanto sonha com uma relação íntima com uma mulher e resiste às difíceis idiossincrasias do seu grupo de amigos, ultrapassando a rotina apoiado na pergunta *warum?*, o velho porquê alemão.

O seu bocado de Europa é subitamente atravessado por um grupo de refugiados que chega à cidade na esteira de Noor, que interrompe a rotina moral da reciclagem de forma violenta e por quem Vladimir se apaixona. Numa antiga fotografia do pai, Vladimir tem uma revelação que muda o seu destino e o do crocodilo Benito. Mas o que muda, afinal? E *warum?*



«Este capitalismo verde é horroroso. O patrão não só não nos paga como nos fala de poesia e de terapia pela alma dos ricos. É de graça, mas não deixa de ser terapia. O inferno são os ricos. Diz que todos deixamos a nossa marca, que todos somos lixo. O corpo apodrece e a alma separada do corpo transforma-se em lixo. A alma não sobe aos céus, é lixo. Não consigo ouvir falar em alma e em lixo sem perguntar: lixo reciclado? Sou um otimista.

— O meu sonho é salvar o planeta.

— Planeta? — pergunto.

— Salvar o planeta à mão.

— À mão?

— Em frente a uma câmara de televisão, num programa sobre o futuro.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)
i [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897849565



9 789897 849565 >